

FOMOS TÃO FELIZES

Hits de uma era

MÚSICA

Músicas do ano: *Chega de Saudade* (João Gilberto), *Meu Mundo Caiu* (Maysa), *Cachito* (Nat King Cole), *Castigo* (Dolores Duran), *Eu Não Existo Sem Você* (Silvinha Telles), *Cabecinha no Ombro* (Trio Nagô), *Apito no Samba* (Marlene), *Vitrine e Escultura* (Nelson Gonçalves), *You Are My Destiny* (Paul Anka), *Nel Blu Dipinto Di Blu* (Domenico Modugno), *Jailhouse Rock* (Elvis Presley), *Serenata do Adeus* (Elizete Cardoso)

Celly e Tony Campelo

lançam um 78 rotações

Carlos Imperial funda o Clube do Rock

Bill Halley vem ao Brasil

TEATRO

Os Sete Gatinhos, de Nelson Rodrigues, estreia no Rio em 15 de outubro de 1958.

Cacilda Becker monta companhia, ao lado de Ziembsky e Walmor Chagas

Augusto Boal monta *Eles Não Usam Black-Tie* no Teatro de Arena

José Celso Martinez Corrêa cria o Grupo Oficina

Maria Della Costa estreia Bertolt Brecht no Brasil, com *A Alma Boa de Se-Tsuan*

TELEVISÃO

Walter Clark, aos 22 anos, assume a programação artística da TV Rio.

Noite de Gala, faz sucesso na TV Rio, com esquetes de Stanislaw Ponte Preta e orquestra regida por Antônio Carlos Jobim.

Chacrinha estreia sua Discoteca

Max Nunes assina o maior humorístico do Rio: *Ali Babá e os 40 Garçons*

Na TV Paulista, Manoel de Nobrega faz *A Praça da Alegria*

John Herbert e Eva Wilma apresentam *Alô, Docura*

LITERATURA

São lançados *O Ventre*, de Carlos Heitor Cony; *Gabriela Cravo e Canela*, de Jorge Amado; *O Homem ao Lado*, de Sérgio Porto; *A Cidade Vazia*, de Fernando Sabino; *Histórias de Desencontros*, de Lygia Fagundes Telles, e *Maria Beata do Egito*, de Rachel de Queiroz.

ESCÂNDALOS

O vanguardista Flávio de Carvalho choca São Paulo ao desfilar pelas ruas do centro da cidade vestindo saia. A vedete Nélia Paula é a primeira mulher a usar biquini em Copacabana

Dicionário de gírias

Borogodó — charme
É de chulé — é ótimo
Roxinha — negra bonita
Figar a bangu — sem nada
Ficar a neném — sem nada
Da fuzarca — da farra
Que mocotó! — que coxa!
Charlar — exibir-se
Ximbica — carro velho
Fuinha — avaro
Matusquela — maluco
Parangolé — farra
É fogo na jaca — é ruim, hein?
Xaveco — problema
É da pontinha — é bom
Arigó — bobo
Barnabé — funcionário público
Mandrake — gay
Jiló — homossexual
Eu quero é rosetar — ir atrás de mulheres
No maior vai-da-vals — de qualquer jeito
Garoto do barulho — sensacional
Mocorongo — indivíduo sem importância
Dar o beijo — não pagar
Botar pra jambira — aprontar
Me dá o meu boné — fui!
Foi pro beleléu — morreu

Thomaz Farkas/Reprodução



Vista assim do alto, do prédio do Congresso Nacional ainda em construção, Brasília era um gigantesco canteiro de obras que atraía gente de todo o país

O ANO EM QUE ATÉ GELO CAIU DO CÉU NO DF

José Rezende Jr.

Da equipe do Correio

No ano da graça de 1958, vir ou não vir para Brasília era a questão que tirava o sono e atrapalhava o domingo de praia dos milhares de funcionários públicos lotados no Rio, a velha capital.

Uns queriam vir, seduzidos pela perspectiva da diátria dobrada. Outros batiam o pé: não eram loucos de trocar o mar de Copacabana por um apartamento funcional no meio do descampado. A pendenga chegou a um dos principais fronts da época: o Carnaval. De um lado, Jorge Veiga cantava, na marchinha *Vamos para Brasília*: “A idéia não é má/Nasceu de JK/Então vamos pra lá/Que vai ser um chulé”. O conjunto musical Os Cariocas respondia com samba: “Não vou, não vou pra Brasília/Nem eu nem minha família/Mesmo que seja/Pra ficar cheio de grana(...) /A vida não se compara/Mesmo difícil

e tão cara/Quero ser pobre/Sem deixar Copacabana”.

Enquanto isso, no Planalto Central, no descampado onde logo depois se ergueriam os apartamentos funcionais, JK, Oscar Niemeyer e Lúcio Costa tomavam uísque sentados na escada de madeira do barraco da Novacap. Como não havia eletricidade, não havia gelo. Segundo o livro *Feliz 1958: O Ano Que Não Devia Terminar* — JK provocou Niemeyer: “Esse uísquezinho ficava bem melhor com um gelinho, hein, Oscar?”.

Pois nesse exato momento, como numa conspiração (a favor) cósmica, desabou uma tempestade bíblica sobre a futura capital. Era uma chuva de granizo. E saíram JK, Niemeyer e Lúcio Costa correndo para catar as pedrinhas de gelo que caíam do céu e mergulhá-las no uísque. “Tudo deu certo em 1958”, traduz o autor do livro, o jornalista Joaquim Ferreira dos Santos.

A Brasília de 1958 não se parecia

em nada com a Brasília de hoje. E não só pelas razões óbvias. “Hoje, aqui, tem dez mulheres para cada homem. Mas naquele tempo, meu filho...”, reticencia, em entrevista ao *Correio Dois*, o cozinheiro Rosental Ramos da Silva, 71 anos.

Rosental, hoje dono do restaurante homônimo na Vila Planalto, morava no Rio e vinha à cidade em obras preparar almoços e jantares para os construtores. Lembra dos redemoinhos de poeira vermelha, da chuva que caía no inverno e no verão, do oxigênio abundante e do clima de esperança no ar. E, claro, das boates da Cidade Livre (hoje Núcleo Bandeirante), com suas mulheres poucas (e quase nunca bonitas).

“Eram umas mulheres sem trato, coitadas. As que se vestiam um pouquinho melhor ganhavam mais dinheiro. Mas não dava pra escolher muito. Pegava-se o que tinha”, conta.

O fotógrafo paulista Thomaz Farkas, 73 anos, que retratou a cidade na época

da construção, lembra “das estradas que levavam ao nada, ao infinito”.

“A gente olhava aqueles vazios imensos e perguntava: Será que isso vai dar certo? Mas havia uma euforia. Tinha trabalho para todos, e pagava-se bem”, conta.

Niemeyer lembra ao *Dois* de um tempo em que todos os homens — operários, engenheiros, burocratas — comiam a mesma comida, vestiam as mesmas roupas, moravam em casas iguais e se divertiam juntos nas boates de chão de tábuas da Cidade Livre.

“Mas a construção acabou e tudo voltou ao normal: ao capitalismo, com seus vícios e injustiças”, finaliza o comunista Niemeyer.

Ah, sim: e quanto à cena do gelo caindo do céu direto para os copos de uísque? “Pura invenção. Isso nunca aconteceu”, descarta Niemeyer. “Mas poderia ter acontecido”, concede.

Afinal, em 1958, parecia que tudo ia dar certo.

O Cruzeiro/Reprodução



O capitão Bellini exhibe, orgulhoso, a Taça Jules Rimet conquistada na Suécia

ARTIGO

QUANDO NASCEU O DESBUNDE

TT Catalão

Da equipe do Correio

No mundo, 1958 ensinava os principais signos dos anos 60. Lideranças, objetos, modismos, tecnologias e fatos políticos explodiriam mais tarde como a grande década da mudança no comportamento. Quem viu, agora, o Papa jogando água benta nas barbas de Fidel vai entender o tamanho da virada ao saber que, em 24 de fevereiro, entrava no ar a Rádio Rebelde de Havana — exatamente para noticiar o avanço das quatro colunas que, partindo de Sierra Maestra, tomavam todos os povoados pelo caminho. Fulgêncio Batista enviou 12 mil soldados para exterminar os barbuços e bombardeou a floresta com o desfolhante químico Napalm (que ficaria tão famoso na guerra do Vietnã). A partir daí, a opinião pública adota de vez em quando a revolução e deu no que deu. Dez anos antes o transistor havia sido inventado mas o salto veio nos anos 50 com o modelo TR da Sony, em 1955, aperfeiçoado em 58 (meio tijolo de orelha no melhor estilo funk da periferia). Transistor, circuito integrado dos computadores e o laser adquiriam formas definitivas no período. Os EUA lançavam o Explorer I em 31 de janeiro, como resposta explícita ao sucesso de mídia do Sputnik soviético (bolinha de 83,6 kg que dava uma volta completa na Terra em “lentos” 96 minutos, fazendo um beep-beep meio besta).

Na política, a descolonização da África assumia contornos de movimento integrado. Argélia provocava pane na França e fazia com que um signo do século assumisse projeção internacional: o fundamentalista da Quinta República francesa, Charles de Gaulle (capa da revista TIME, norte-americana, outra bíblia da época, como *Homem do Ano* de 58). John Kennedy era ungido no senado americano por 874 mil votos. O pastor Martin Luther King assumia a presidência da Southern Christian Leadership Conference e desencadeava a luta pelos direitos civis nos EUA, a partir do direito ao voto dos negros. O general Abdul Kassem derrubava o rei Faical no Iraque e Saddam emergia como político. O melhor da festa viria nos anos seguintes. Não era por acaso que Vertigo (no Brasil, *Um Corpo Que Cai*), de Alfred Hitchcock, com Kim Novak e James Stewart, era o sucesso e prenunciava a paranóia, a loucura, o charme e o redemoinho dos anos seguintes.